



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE
ARAGUAÍNA CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

M^a ISABELA ISAIAS DA ROCHA DA COSTA

**A HIPERSEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL ATRAVÉS DAS
NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS DE ARAGUAÍNA-TO.**

Araguaína, TO
2022

M^a ISABELA ISAIAS DA ROCHA DA COSTA

**A HIPERSEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL ATRAVÉS DAS
NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS DE ARAGUAÍNA-TO.**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Araguaína, Curso de História, foi avaliado para obtenção de título de licenciado em História e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. THIAGO GROH DE MELLO CESAR

Araguaína, TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- C837h COSTA, Maria Isabela I. Rocha.
A HIPERSEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL ATRAVÉS
DAS NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS DE ARAGUAÍNA-TO.. / Maria
Isabela I. Rocha COSTA. – Araguaína, TO, 2022.
25 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de História, 2022.
Orientador: THIAGO GROH DE MELLO CESAR
1. Hipersexualização. 2. Gênero. 3. Identidade. 4. História oral e Memória. I.
Título

CDD 901

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

M^a ISABELA ISAIAS DA ROCHA DA COSTA

A HIPERSEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL ATRAVÉS DAS
NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS DE ARAGUAÍNA-TO.

Data de aprovação: 05 / 12 / 2022

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 THIAGO GROH DE MELLO CESAR
Data: 05/12/2022 17:08:57-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Thiago Groh de Mello Cesar , Orientador, UFT

Documento assinado digitalmente
 MARIA LEAL PINTO
Data: 06/12/2022 13:44:06-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Maria Leal Pinto, Examinadora, - Seed/To PPGLIT/UFNT

Documento assinado digitalmente
 OLIVIA MACEDO MIRANDA DE MEDEIROS
Data: 06/12/2022 11:29:26-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Olívia Macedo Miranda de Medeiros, Examinadora, UFT

AGRADECIMENTOS

Dedico esta dissertação e meus sinceros agradecimentos:

Ao meu orientador e professor [Thiago Groh de Mello Cesar](#) por todo o esforço e paciência que teve durante esses meses da produção deste artigo.

A todas as meninas que se auto disponibilizaram para a realização desta pesquisa, agradeço a colaboração, a sinceridade e a seriedade presente em seus apontamentos, o compartilhamento de memórias vivenciadas por mais dolorosas que elas sejam e a sabedoria que me foi proporcionada através de suas falas.

A minha querida amiga Amanda Silva pelos conselhos, a dedicação e a paciência e por esta comigo a cada etapa deste artigo.

Aos meus pais que me permitiram concluir esta graduação e por todo o apoio e compreensão durante esses quatro anos.

A minha irmã Karinna, agradeço pelo incentivo e por sempre acreditar em mim.

E principalmente a Deus que me deu oportunidades, força de vontade e coragem para superar os desafios.

RESUMO

O objetivo deste artigo é buscar compreender a hipersexualização através das narrativas de mulheres negras da cidade de Araguaína- To, mais precisamente as acadêmicas do curso de História da Universidade Federal do Norte do Tocantins-Campus Cimba concernente às formas que esse fenômeno cultural se apresenta e afeta a vida dessas mulheres. Referenciando a discussão, a hipersexualização, gênero, identidade e memória este trabalho teve como base fontes documentais e orais, visando também a contribuição para a história Regional do Tocantins ao investigar esta problemática que é a hipersexualização da mulher negra através de quem mais se depara com ela ao longo da vida.

Palavras-chave: Hipersexualização, Gênero, Identidade, História oral e Memória.

ABSTRACT

The aim of this article is to seek to understand hypersexualization through the narratives of black women in the city of Araguaína-To, more precisely the students of the History course at the Federal University of Norte do Tocantins-Campus Cimba regarding the ways in which this cultural phenomenon presents itself and affects these women's lives. Referencing the discussion, hypersexualization, gender, identity and memory, this work was based on documentary and oral sources, also aiming at contributing to the Regional history of Tocantins by investigating this problem, which is the hypersexualization of black women through those who are most faced with her throughout her life.

Keywords: Hypersexualization, Gender, Identity, Oral History and Memory.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 OS PROCESSOS HISTÓRICOS SOBRE A HIPERSEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL	08
3 AS NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS SOBRE OS EFEITOS DA HIPERSEXUALIZAÇÃO DE SEUS CORPOS.	14
3.1 METODOLOGIA: HISTÓRIA ORAL	14
3.2 QUEM SÃO ESSAS MULHERES?	15
3.3 DAS NARRATIVAS:	16
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

1 INTRODUÇÃO

As mulheres são culturalmente apontadas como frágeis e indefesas, colocadas sempre em posições mais baixas em relação ao homem, o que por lógica, as obriga a serem submissas a eles. Esse movimento faz da mulher, um ser impotente, as colocando em condições de opressão que legitima a sociedade patriarcal, no entanto, quando esse mesmo sistema volta-se para a mulher negra o sistema racial e sexista, juntos pregam a submissão dessas mulheres, primeiro por gênero, depois pela cor, (hooks, bell p.190) vai dizer que:

“A mulher branca pôde ao menos litigar por sua própria emancipação; as mulheres negras, duplamente escravizadas, não puderam mais do que sofrer e lutar e permanecer em silêncio”.

O livro do qual foi retirada essa epígrafe refere-se à reflexão sobre a história das mulheres negras, onde a autora, Bell Hooks, permite ao leitor um mergulho na construção histórica de um lugar projetado em prol da contínua desvalorização da mulher negra, que busca de forma precisa reconhecer essa mulher dentro de um sistema altamente imaginário, marginalizado e objetificado..

Decerto, a discussão sobre a sexualização do corpo da mulher negra a qual se propõe este artigo, não é recente. No entanto, a reflexão sobre o controle que se tem sobre esse corpo ainda assume um lugar relevante e necessário, pois é a partir dessa observação que se entende que os estereótipos criados em sociedade denotam uma acentuação de desigualdades de gênero e raça que acabam por prejudicar essas mulheres radicalmente.

De fato, o tema aqui tatado: hipersexualização do corpo da mulher negra é uma construção que ocorre na atmosfera social e a partir deste assunto qualquer pessoa do sexo feminino seja ela branca ou negra sofre com esse mesmo sistema machista e sexista, porém é preciso que se perceba a diferenciação com o que é tratada às mulheres de cor quando se trata desse mesmo fenômeno. Essa construção do sistema patriarcal visa essas mulheres de uma forma ainda mais subalternizada do que mulheres brancas o que permite que esse processo se intensifique e se torne ainda mais feroz em mulheres de cor.

Assim o presente trabalho pretende indicar como esses sistemas conseguiram modelar, erotizar e dominar esses corpos ao longo do tempo, além de expor como essas mulheres avaliam esta problemática, visibilizando as diferentes formas que esse fenômeno se apresenta

e analisar até que ponto a mulher é afetada por esse problema social no seu cotidiano a partir das narrativas de mulheres negras de Araguaína-To, repensando-a e a interpretando a partir daquelas que mais se depara com esse fator ao longo da vida.

2 OS PROCESSOS HISTÓRICOS SOBRE A HIPERSEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL.

De acordo com (NASCIMENTO, Renata, 2018, p.04) “Ao longo do século XX, a literatura e o cinema produziram e disseminaram uma série de representações sobre mulheres negras que fortemente povoam o nosso imaginário social”. Que “já no século XIX, obras literárias como as de Aluísio de Azevedo, José de Alencar e Bernardo de Guimarães, ilustram muito bem estas imagens, construídas e posteriormente reiteradas no cinema nacional (NASCIMENTO apud XAVIER, 2012) Que como destaca (Djamila, 2019, p.83) se trata de imagens : “ de que são "lascivas", "fáceis" e naturalmente “sensuais””.

Assim, torna-se compreensível entender porque o conceito de hipersexualização permite o percebimento de que este fenômeno está muito ligado a uma sociedade hedonista e consumista que sobrevaloriza a imagem. Insidiosamente apoia-se em estereótipos que afetam sobretudo o sexo feminino. (TEIXEIRA, Filomena, 2015, p.05 Apud Bouchard; Bouchard & Boily, 2005) Se apresentando ainda mais ferozmente em relação às mulheres negras, enfatizando nelas uma sexualidade exótica, particular, diferente das demais mulheres, gerando estereótipos que causam consequências imprescindíveis, marcando sua trajetória pessoal, profissional e principalmente afetiva.

Durante as entrevistas realizadas e destacadas no segundo capítulo deste artigo, o ponto da afetividade demonstrou-se presente em todos os contextos das falas das meninas, todas as seis declararam-se solteiras e todas citaram algum momento, ou em que foram trocadas por mulheres brancas ou inferiorizadas a elas por meio de palavras ditas e não ditas, eu pude perceber através de suas falas que o ato da visualização de corpos negros como menos amáveis que corpos brancos se trata de uma construção social que afirma que essas pessoas não são “boas o suficiente” para se ter um relacionamento afetivo.

Bell Hooks em seu livro “E eu não sou mulher?” analisa uma fala de Joseph Washington, ex-presidente negro dos Estados Unidos onde o mesmo comenta essa situação que mulheres negras tendem a passar por consequência desse imaginário que as rodeia, ele diz: “Homens brancos não conseguiram ser sérios no relacionamento com a mulher negra, em

comparação com a seriedade dos relacionamentos entre o homem negro e a mulher branca” e a justificativa para essas palavras foi a de que : “os homens brancos percebem mulheres negras como “bestas”, selvagens sexuais que não são adequadas para o casamento”, HOOKS afirmou que o motivo desse impasse vem de um “complexo de mitos negativos e esteriotipos” que são diariamente socializados por homens brancos para que considerem mulheres negras inadequadas para o ato conjugal.

De acordo com PINTO, Elisabete Aparecida (2004:38) essa construção histórica, tem-se uma dimensão étnica-cultural e de gênero feroz pois:

Na relação com o outro o desejo de envolvimento afetivo em busca do prazer é permeado por valores e ideias estabelecidos pelo contexto social. A manifestação do desejo e o estabelecimento ou não de vínculos amorosos são também determinados por concepções advindas de uma visão machista e racista (apud SOUZA, 2008,p.46)

Este explica então como o Brasil, apesar de ser um país extremamente mestiço carrega esse fator social, de acordo com a (IBGE) Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a raça é fator predominante na escolha de parceiros conjugais, dados do Censo 2010 apontaram que 70%’ dos casamentos ocorridos no país se tratam de pessoas da mesma cor e que mulheres negras (7% da população) são as que menos casam. Sendo (74,5%) casamentos entre brancos a pesquisa conclui que a possibilidade de mulheres negras ficarem solteiras é mais elevada.

Assim, buscar conhecer essas perspectivas desenvolvidas em relação a essas mulheres é vital para que se descubra poque o número de mulheres negras no matrimônio é inferior mesmo com a população brasileira sendo formada de 54% de pessoas negras (<https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra>).

Aqui, o primeiro capítulo de Casa Grande e Senzala discute a formação desse imaginário. Freyre (2006. p.74) explica que o contato dos portugueses com negros logo na colonização “deixara, idealizada entre os portugueses a figura da “moura encantada”, tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos, envôlta em misticismo sexual- sempre de encarnado, sempre penteando os cabelos”, mas em oposição a essa lenda surgiu “a da “moura torta”, Freyre diz que “Nesta vazou-se porventura o ciúme ou a inveja sexual da mulher loura contra a de côr” o autor ainda afirma que esse resultaria em breve em uma “idealização do tipo louro, identificado com personagem angélicas e divinas em detrimento do moreno,

identificado com os anjos maus, com os decaídos, os malvados, os traidores” afirmando ainda que a “moda da mulher loira” virou a “expressão de genuíno gosto nacional” refletindo assim a superioridade social da mulher branca sobre mulher de cor, no capítulo Freyre afirma que o fato da mulher negra ser comparada a “moura encantada” causava aos portugueses “excitação sexual”, enfatizando o motivo pelo qual esse contato foi “tão importante para a miscigenação do país” e mais ainda deixando em evidência o princípio de um imaginário social extremamente objetificado sobre essas mulheres que foram transferidos e naturalizados ao longo do tempo permanecendo em sociedade até os dias atuais.

RIBEIRO, Djamila, em um dos seus livros mais famosos intitulado como “O Pequeno Manual Antirracista” enfatiza que desde o período colonial brasileiro mulheres de cor aos olhos da sociedade acarretam de uma utilidade erótica que não se é encontrado em mulheres brancas e por mais antigo que essa percepção seja ela ainda permanece por ser uma construção social que é culturalmente exercida no cotidiano e que mesmo se tratando de um imaginário fantasioso de uma mulher que evidentemente “não existe” esse legado foi particularmente deixado pelo período escravocrata e por meios “legais” ganham força, visibilidade e legitimidade, quando nas representações midiáticas essas mulheres sempre tendem a servir de alguma forma, seja sexual ou não. Assim como Renata Nascimento (2018: 04) assinala em seu artigo quando diz que:

“A constante reiteração e repetição de representações que reforçam a inferioridade, submissão, opressão, exploração sexual e do trabalho dos/as negros/as, seja na literatura, no cinema (histórico ou de ficção), ou na própria historiografia, acabou legitimando e reforçando a discriminação e o preconceito racial e sexual em nossa sociedade” (apud NASCIMENTO, 2014, p.12).

E sendo a hipersexualização de seus corpos um estigma social que denota de forma clara que a história da ancestralidade dessas mulheres negras foi marcada por violência, negligência e invisibilidade, decerto essa construção social não é só feroz, como também opressora, por que a um impedimento social aparente de que se você não se encaixa naquele modelo social, sofre com a rejeição e negligência da sociedade e sendo a mulher de cor fora dos padrões sociais do que é ser boa ou suficiente para aspectos como é o do relacionamento, esse estigma tem o poder de atacar não só a identidade de negra, como também ferir a de mulher, em um de seus livros mais famosos (*Pele negra, máscaras brancas*), Fanon relata esse fenômeno quando no capítulo (*A mulher de cor e o homem branco*) ele traz um romance semi

autobiográfico chamado *Je suis martiniquaise* (sou martinicana) onde Fanon destaca passagens do romance que conta a história de Mayotte, negra, Mayotte ama um homem branco, a primeira fala em destaque neste capítulo retrata um sentimento de “não merecimento” de uma mulher de cor em relação a um homem branco: “Queria ter me casado, mas com um branco. Só que uma mulher de cor nunca é respeitável o bastante aos olhos de um branco. Por mais que a ame, eu sabia disso”, a próxima gera um sentimento de impotência surgido em Mayotte, mas que transpassa ao leitor no mesmo instante, é como se conseguisse sentir sua insatisfação consigo mesma, ela explica que um dia ela insistiu para participar de um evento da alta sociedade majoritariamente de brancos que André, seu companheiro participava quase sempre e relatou em agonia::

“[...] Elas me olhavam com uma indulgência que me era insuportável . Senti que havia exagerado na maquiagem, que não estava vestida como devia, que não fazia jus a André, talvez simplesmente por causa da cor da minha pele; enfim, passei uma noite tão desagradavel que decidi nunca mais pedir a ele para acompanhá-lo”(FANON, Frantz.2008, p.59).

A sensação de desprezo e silenciamento que exalam dessas falas dão fôlego às discussões como as que Hooks aborda em seu livro quando a mesma cita que a socialização racista e sexista condicionou mulheres negras a desvalorizar a sua condição de mulher e a considerar a raça seu único rótulo para sua identificação, por não se reconhecer em uma identidade que se é cobrada a todo instante de forma ideológica.

Assim entende-se quando Silvio Almeida (2021) ao abordar que por meio da ideologia a sociedade construiu o “ser branco” tanto quanto o “ser negro” apoiando-se em “raça” e “gênero” afirma que a sociedade apenas para estabelecer hierarquias sociais, criou um lugar onde essas mulheres negras:

“são pouco consideradas capazes porque existe todo um sistema econômico, político e jurídico que perpetua essa condição de subalternidade, mantendo-as com baixos salários, fora dos espaços de decisão, expostas a todo tipo de violência” (ALMEIDA, Silvio p. 67)

Esse se alinha perfeitamente com a experiência de Djamila em seu livro quando ela relata que desde o primeiro contato com a sociedade (escola), foi por muitas vezes confundida com prostituta, faxineira, lembrando que suas amigas brancas nunca precisavam pensar seu lugar em sociedade assim como ela, que por vezes foi rebaixada a lugares subalternos a seus

colegas, isso só nos prova o tamanho da bola de neve de preconceitos que essas mulheres estão e que precisam lidar todos os dias em sociedade, quando vão às escolas, faculdades, restaurantes, igrejas etc... Visto isso, reconhece-se que a ideologia parte de ações da sociedade transmitidas através do social que “mantém e legitima” suas práticas para que estas sejam vistas como naturais, assim como as convicções sobre o corpo da mulher negra que se tornam ideologias através de uma série de ações que são renovadas, reformuladas e consolidadas ao longo do tempo, gerando problemas sérios a essas mulheres ao longo de suas vidas, como estupros, feminicídios, a todo tipo de violência que para o branco fazem sentido e são permitidos já que a ideologia racial, de gênero e sexista prega que ações como essas são justificáveis.

A violência contra a mulher de cor assim, se torna variada, desproporcional e justificada ao da mulher branca em qualquer ambiente da vida social e quando se trata de casos de estupros as justificativas são ainda mais fervorosas, o sexismo do corpo dessas meninas/mulheres são impetuosas e avassaladoras.

Só no Brasil mulheres negras são as maiores vítimas de feminicídio e essas mesma mulheres carregam também as maiores taxas de estupros do país, o Mapa da Violência sobre homicídios de 2015, revelou que entre o ano de 2003 e 2013 os homicídios entre mulheres negras cresceu 54% no país, passando de 1.864 para 2.876, já em relação às mulheres brancas, essa taxa caiu para 9,8%, saindo de 1.747 em 2003 para 1.576 em 2013 e isso se agrava ainda mais quando esses dados são apontados a mulheres negras transexuais, de acordo com uma matéria da UOL¹, o Brasil é o país que mais mata mulheres travestis no mundo, foi relatado que só em 2020 a maioria dos assassinatos do país foram de travestis que trabalhavam como prostitutas (65%), sendo 78% vítimas identificadas como pessoas negras.

Já o balanço de dados oficiais sobre violência no Brasil feito pelo Fórum Nacional da Segurança Pública apontou que as maiores vítimas de estupro no Brasil são mulheres negras, sendo 52,2%, a matéria publicada pelo o site “Alma Preta” revelou que só em 2021 houve cerca de 66.020 casos de estupros sendo as maiores vítimas, meninas negras com até 13 anos de idade, a porcentagem desses casos chegou aos 49,4%, de acordo com o site as chances de uma mulher negra ser estropada é 11,3% maior que o de brancas.

¹<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/01/29/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-175-foram-assassinadas-em-2020.htm>.

O interessante é notar que do outro lado dessa linha, encontra-se, o Brasil também sendo um dos países que mais consomem conteúdos sexuais de mulheres e trans negras no mundo, de acordo com o relatório do Pornhub de 2018, o Brasil liderou a busca por pornografia trans ocupando a 11ª posição em acessos na plataforma, o interessante aqui é: como um país onde mais de 50% da população são de pessoas negras, sendo essa a maioria de mulheres, que tem taxas altíssimas de assassinatos de mulheres negras trans, também pode dominar o ranking mundial por procuras de pornografias dessas mesmas mulheres?

Djamila Ribeiro já dizia que a mulher negra não é dona do próprio corpo, um “produto sexual alheio” essa foi a expressão usada por ela para explicar o fruto de uma construção social violenta e opressora que é a hipersexualização do corpo de mulher negra e a partir deste observar como meios legais como já discutido anteriormente influencia na reprodução e na legitimação dessa sexualização e inferiorização desses corpos. Esses meios só estão de fato deixando essas mulheres nos lugares que a sociedade determinou para elas, essa violência sexual praticada, justificada e naturalizada vem ocorrendo e afetando a vida dessas mulheres desde o primeiro contato do homem branco com a “mulher de cor” assim como explica Freyre..

Diante de tais problemáticas, torna-se notável como a discussão sobre esses pontos que são naturalmente históricos e que faz parte do âmbito social como todo, é sem nenhuma dúvida, necessária, hoje no Brasil com o movimento feminino negro crescendo e enfatizando em suas lutas por políticas públicas questionamentos como o da sexualização de seus corpos, as discussões que rodeiam esses temas se encontram fortalecidas e presentes em redes sociais, de comunicação, em rodas de conversas feitas por instituições e principalmente dentro e fora das salas de aula de universidades brasileiras, até pelo o fato da diversidade racial hoje dentro dessas instituições serem evidentemente muito maiores.

Os dados do IBGE de 2019 baseada na Pnad Contínua relataram que o número de estudantes que se autodeclaram negros ou pardos superaram os números que autodeclaram brancos em Universidades Federais pela primeira vez na história, isso equivale a 50,3% dos alunos em Universidades Federais, estaduais e municipais, tendo assim essas instituições papéis importantes no combate a desigualdade e aos estereótipos que dela se sobressaem.

Sendo a primeira dessas instituições de ensino superior a instituir sistema de cotas a indígenas, a Universidade Federal do Tocantins foi também uma das primeiras que logo em 2013, depois da Lei de Cotas de 2012, reservou cerca de 5% das vagas do vestibular unificado

para candidatos de origem quilombola em processos seletivos para os cursos de graduação, abrindo espaços para a formação desses profissionais e consequentemente ofertando a eles lugares de falas dentro das salas de aula da universidade e fora dela também, em matéria publicada pela própria universidade, a mesma afirma que logo em 2014 ingressaram cerca de 150 estudantes pelo o sistema de cotas, em matéria escrita pela a CONEXÃO TOCANTINS em 2017, a mesma relatou que a maioria dos estudantes matriculados naquele mesmo ano pertenciam a região norte, sendo 43% do próprio estado do tocantins, fortalecendo nessa instituição um sentimento de pertencimento a esses estudantes e incentivando através deste o aumento de pesquisas e debates relacionadas ao próprio estado. e é então, em razão desse sentimento de pertencimento regional que este artigo discute a sexualização de mulheres negras a partir daquelas que residem na cidade de Araguaína-To e que são estudantes matriculadas no curso de história dessa mesma universidade.

3 AS NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS SOBRE OS EFEITOS DA HIPERSEXUALIZAÇÃO DE SEUS CORPOS.

3.1 METODOLOGIA: HISTÓRIA ORAL

Considerando que o objeto de pesquisa é compreender a Hipersexualização da mulher no Brasil, a metodologia adotada foi a história oral, a ideia da avaliação desta problemática através de mulheres negras, foi retirada da evidência de que visivelmente mulheres negras são as mais afetadas por essa construção social que é a hipersexualização.

Paul Thompson (1992) em sua obra “A voz do passado: História oral”; no capítulo “A entrevista” o autor entrega ao leitor o passo a passo de como desenvolver uma entrevista bem sucedida, levando em consideração que não se tem apenas uma maneira verdadeiramente correta ou ideal para que este ocorra. Thompson esclarece em seu texto que cada entrevistador obtém sua maneira, sua própria subjetividade no momento de planejar e realizar as entrevistas.

Dentro da discussão sobre História Oral Paul Thompson irá compartilhar: [...] É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992: 17). Através do que se foi dito pode-se perceber a

importância da fonte oral a partir do entendimento de como a memória humana tem capacidade de reavivar o passado.

De forma simultânea Alessandro Portelli em "História Oral e Memórias" destaca que a "memória e o relato oral" são uma "busca de sentido". Ou seja, as fontes orais denotam as crenças, os motivos dos feitos, a subjetividade dos pensamentos sobre experiências vividas; a fonte oral por muitas vezes possui dados que os documentos escritos não possuem.

Entretanto, entende-se que a memória apresenta descobertas e desse modo a oralidade desempenha um papel importante nesse meio; de acordo com Portelli a história oral desempenha um papel "no sentido de crer que, através dela, tivemos acesso a experiência e que o testemunho era "a verdade"" (THOMPSON, 1992: 13).

No entanto, a utilização do método oral neste artigo visa proporcionar uma visibilidade para as narrativas dessas mulheres negras sobre a questão da hipersexualização no Brasil. A pesquisa foi produzida e realizada a partir de duas maneiras de produção, a saber: as narrativas orais e a pesquisa documental, essas entrevistas foram realizadas com o uso de um roteiro prévio, contendo perguntas reflexivas de modo que essas mulheres sentissem-se à vontade para compartilhar suas vivências, suas dores, seus abalos emocionais em relação a sua identidade possibilitando ao pesquisador e posteriormente ao leitor observar efeitos internos e os externos das consequências geridas pelo processo de sexualização de seus corpos.

3.2 QUEM SÃO ESSAS MULHERES?

Foram entrevistadas seis mulheres, sendo elas todas solteiras e matriculadas no curso de História da Universidade Federal do Norte do Tocantins em Araguaína-TO, todas com 22 anos de idade e entre o 7 e 8 período do curso. Quanto aos nomes dessas entrevistadas, todos foram protegidos, então elas serão referenciadas como entrevistada Ana, Biana, Carolina e assim sucessivamente. As entrevistas foram feitas entre os meses de abril e julho de 2022, variando em questão: resultados.

Elas ocorreram sem dificuldades com a maioria das entrevistadas, no entanto, duas demonstraram desconforto ao falar, se fechando um pouco mais, foi perceptível que tinham mais coisas a dizer, sobre os encontros, eles foram feitos 3 na própria universidade, 2 em casa e 1 via google meet pois essa entrevistada tinha dificuldades de comparecer a faculdade presencialmente.

A primeira entrevistada, Ana, se autodeclara negra, de uma cidade vizinha chamada Sampaio ela veio para Araguaína em 2018 com 18 anos. A segunda, autodeclarada negra e travesti, saiu de casa aos 17 anos, vindo embora da sua cidade natal (Pará) e se estabelecendo aqui também em 2018. A terceira, Carolina, é residente da cidade de Araguaína, também solteira e com 22 anos. A quarta Diana, é do município de Ananás-To, também com 22 anos de idade e solteira, se autodeclara negra e até o momento da entrevista se encontrava no 7º período do curso. Eliana e Fabiana também residentes na cidade de Araguaína se encontravam no 8º período do curso, com 22 anos e solteiras.

As narrativas dessas mulheres possibilitaram a este trabalho um fôlego a mais para o entendimento das lutas, dos preconceitos e da dor que elas como mulheres e negras tendem a passar desde que entram em sociedade, dando também um toque de humanização, reforçando que se deve ter empatia e respeito por sua história, sua cor e o legado desastroso que ela deixou a essas pessoas.

3.3 DAS NARRATIVAS:

O corpo negro independentemente de gênero é, no Brasil, e em outros países, associado a diversos estereótipos, podendo-se identificar uma ênfase e destaque no que se refere à sexualidade, sendo esse público caracterizado e diferenciado devido a seu exotismo e erotismo construídos historicamente. Tal denominação ocorre até os dias atuais, havendo uma exotificação e erotização do corpo de homens e mulheres negras, de forma a denotar a discriminação, a dominação e a marginalização devido à diferenciação de raças (TELES, Lanna Moura Sá; ADI, Ashjan Sadique, p.04 apud Heilborn, Araújo & Barreto, 2010).

Assim, torna-se perceptível que a auto descoberta dessa identidade que a sociedade classifica e categoriza, representa a esse grupo a presença a partir deste de um misto de experiências sociais que exalam de todas as maneiras possíveis que se você é negro, você é um problema social e aqui a entrevistada Ana, quando questionada sobre sua autodescoberta como mulher negra retratou o fato quando relatou que:

“Quando a gente é criança, sempre há essa questão do pardo e que a cor negra ela não é uma cor legal, então você não deve se afirmar negro, enfim, há tantas vertentes e tantas coisas em cima disso que você vai se auto anulando como mulher negra”

É fácil notar essa cumplicidade também em Diana, quando a mesma relata: “Foi um processo de auto aceitação, pois sempre ouvi que eu era parda e morena, mas nunca fui chamada de negra. E por ser menos retinta que as pessoas da minha família, sempre fui considerada morena clara”.

Pessoas negras em geral são levadas a desde cedo considerar a cor como única definição identitária e as meninas por serem historicamente ligadas a fenótipos estigmatizados de “cabelo ruim”, “cabelo Bombril”, “negra azulada” se auto anulam desde muito novas assim como afirmou Ana; a auto anulação então é um tentasse encontrar em características que não se tem, para essas meninas torna-se mais fácil fingir está em uma posição que a sociedade nunca as colocara, ao invés de passar pelo ato de descobrisse ser e não está nesse lugar que evidentemente existe mas que não foi projetado para elas.

Descobre-se, aceitasse, é um processo longo e que demanda tempo e atenção de você para você mesma, Ana, falou sobre isso quando lembrou que logo aos 12 anos alisou seu cabelo natural e que inclusive foi o ato difícil e doloroso da transição capilar que causava de forma intensa quedas em sua autoestima como mulher, que a fez reconhecesse como outra pessoa:

“Vou me reconhecer como mulher negra, vou me reconhecer como uma mulher que tem um cabelo cacheado, vou me reconhecer em uma nova identidade que antes eu não me via”

O ato de afirmar-se levou tempo para Ana, assim como para as outras entrevistadas, Fabiana, afirmou que levou tempo até aceitar o cabelo natural, que sempre gostou de batons coloridos mas que não os utilizava pois o social sempre afirmava que pele negra não combinava com qualquer cor, ao ser questionada sobre como teria sido seu processo identitário respondeu: “Na verdade eu sempre me declarei preta, mas sempre tive vontade de ser branca” ao ser perguntada (por que?) Fabiana declarou, “Eram as brincadeiras que faziam comigo devido a minha cor”. Foi possível sentir a angústia em sua fala do outro lado da tela².

A praticidade que a sociedade possui em anular a identidade negra fica visível nas falas da entrevistada, Fabiana não sentia-se confortável com as brincadeiras sobre sua cor, Fabiana não gostava do seu cabelo como ele era devido a essas “brincadeiras”, então se auto

² Fabiana, foi a entrevistada que não teve prazer de encontrar pessoalmente, por conta de sua posição como cadeirante.

anula por isso, o peso nas falas de Fabiana deixou muito claro que ela entende o lugar onde está mas que isso não significa que quer pertencer a ele, por que esse pertencimento é feroz e angustiante, esse lugar faz do outro alguém superior e assim você torna-se pequeno e incapaz; os pontos de Fabiana são necessários para notamos a complexidade dos meios que são utilizados socialmente para que essas pessoas se camuflam, se embranquecem nessa tentativa inalcançável e cansativa de “ser aceito”.

Em contra partida, encontra-se alguns na condição de ser acusado de sê-lo, RIBEIRO, Djamila em “Pequeno Manual Antirracista” vai dizer que quando esses indivíduos não se auto anulam desde de muito novas, se entende prematuramente que ser negro na sociedade, não é apenas um problema, é uma falha social, o negro quando não tenta se “encaixar” é acusado de ser diferente, e a entrevistada Carolina relatou sobre quando apontou que :

“Dizer que eu sou uma mulher preta parece que eu estou me xingando e me denegrindo, Eu já observei isso em um episódio de racismo que eu sofri que minha mãe presenciou no ano passado no me mês de julho quando ela estava trabalhando nessas casa de praia que a patroa dela levou, alguém perguntou se ela tinha filho e ela disse que sim aí essa pessoa perguntou como eu era e ela falou assim não ela disse que a preta, preta do cabelo crespo e ele se assustou, porque a minha mãe é bem branquinha ela é daquelas branquinha que fica vermelha no sol aí ele se assustou e falou assim: não a sua filha preta, como assim? você tem uma filha preta não, como se ela não...tipo minha mãe que me teve ela não me conhece? Não me ver digamos assim e aí um conhecido falou, não, ela não é preta não ela é moreninha, a minha mãe falou que quando ele disse isso a expressão dele foi de nojo quando ela falou que eu era preta ela até se emociona quando fala (choro...)”

Nesse momento eu percebi a dor que emanava dos olhos de Carolina, ela chorava expressando tristeza pelo desprezo, em lágrimas e trêmula ela me relatou:

“O racismo é uma coisa que dói muito, assim, eu nunca sofri muito racismo, tem gente que sofre todos os dias mas quando episódios acontecem e você sabe que a pessoa tem nojo, porque tipo é só uma pele, uma cor e a pessoa ter nojo disso é uma coisa que machuca a gente e eu me emociono porque a minha mãe percebeu isso e eu acho que pra ela foi mais dolorido porque né, ela é mãe”.

Apesar de trágico a auto anulação é um fato, se trata de amenizar o efeito que a identidade dessas meninas causam em relação a exclusão, o preconceito e a indiferença principalmente a outras mulheres (brancas). Por suas próprias palavras a entrevistada Biana

explicou essa indiferença quando assinalou como a visualização da mulher de cor para o homem branco se restringe ao ato sexual e a partir disso como esse próprio discurso que ele carrega hierarquiza essas mulheres: “existe um discurso de que a mulher branca é mais limpa, mais pura, ela veio sem mancha e a mulher negra não, ela é manchada”.

Com a voz embargada Biana afirmou já ter passado por uma situação onde o homem preferiu a branca ao invés dela para um relacionamento, mulher negra travesti, mas o interessante foi perceber que em nenhum momento mostrou remorso ou tristeza, ela sabia do que aquilo se tratava, ela sabia que não era sobre ela, era sobre a sociedade e o que ela prega, tanto que afirmou em seguida: “a mulher branca é mais fácil, mais fácil no sentido, mais apresentável, é bonito, o engraçado é que para eles a preta é bonita na cama e a branca pra andar na praça e levar em um almoço de família” .

A sexualização é um fato mas não é um problema da mulher e sim, da sociedade, no entanto ela só se encontra nessa situação quando essa mulher entende que esses estigmas de sexualização que as afetam trata-se não delas mas da sociedade onde ela se encontra e Biana evidentemente reconhece esse fato, entende que a representatividade do que é ser mulher negra dá ênfases principalmente em estereótipos absurdos, enfatizando que essa mulher negra não pertence a lugares que lhe trazem prestígios, no entanto, aqui também foi interessante perceber como as meninas notam que houve mudanças nas representações midiáticas sobre a mulher de cor, elas, não fechando os olhos para esse avanço, o destacaram, mas contendo um equilíbrio: aquele de entender que nenhuma mudança é genuína:

“nós, eu e as minhas irmãs (E eu falo isso não só como mulher transexual mais como uma mulher negra em si, porque a luta é de mulher) eu acho que de tanto a gente bater na tecla eles estão dando um pouco mais de visibilidade, é mais aquela coisa, nossa vocês estão batendo tanto na porta né, então eles estão trazendo muito... estamos nos vendo sendo mais representadas nos lugares, nas propagandas, nas novelas, mas eu acho que isso está sendo muito mais por conta da força, não deles, mas de nós: não, mas daí será que nós, que a gente não vamos se ver, será que nós não vamos nos enxergar nesses espaços, então estamos botando quente estamos usando as mídias também pra lutarmos por esse direito de estar presentes nos lugares, a mídia pode ser um recurso de mão dupla não só eles traz as coisas mas a gente também joga coisa pra eles nós consumimos e como consumidores nós também podemos escolher então a mídia em relação mulher negra hoje em dia eu estou achando um passo muito importante em relação a valorização dessa mulher

porque eles estão trazendo as várias formas da mulher negra” (ENTREVISTADA BIANA)

Concernente Eliana afirma que o fato da representatividade da mulher negra com estereótipos positivos, está mais visível, mas que não se trata ainda da aniquilação de estereótipos negativos:

“Eu acredito que a mulher negra através das mídias sociais, seja por meio das propagandas, comerciais, novelas, etc., ainda é muito sexualizada e vendida como objeto sexual, porque dificilmente se verá a mulher negra sem que esteja semi nua, sendo exposta, mas acredito também que isso aos poucos esteja mudando”.

O fato das meninas compreenderem que se há uma mudança social, mas que se trata de cobranças por parte delas mesmas (que assim como afirmou Biana) rebatem a todo momento que o ideal do midiático é totalmente branco e que dentro desse não se há espaço para elas é o que faz suas percepções interessantes. A perspicácia com que as entrevistadas expressaram que a sociedade branca ainda não deseja aceitar essa ascensão delas foi imprescindível; nós ainda carregamos ³ justificativas que pregam a submissão dessas pessoas a todo custo e elas evidentemente, percebem isso.

Sobre tal, houve um acontecimento nos últimos meses que representou esse X da questão com nitidez, as mídias sociais foram movimentadas por um acontecimento que chocou a comunidade branca e que significou muito principalmente para crianças negras como será discutido mais à frente. Agora, o mais novo trailer do novo filme da “Pequena Sereia”, carrega na nova versão produzida também pela Disney que será lançada em maio de 2023 a protagonista Halle Bailey, uma mulher negra de 22 anos, desde o lançamento do trailer vem recebendo reações altamente racistas nas redes sociais, De acordo com a revista Forbes, o recém-lançado trailer do filme foi inundado com 1,5 milhão de dislikes de “fãs” irritados – apesar de o YouTube remover o contador, os números ainda estão disponíveis por meio de uma extensão. Algumas pessoas chegaram a afirmar que não se tratava de racismo mas sim que na história verdadeira Ariel é branca :

³ O tenta-se desconstruir-se está presente em mim desde o começo desta graduação, mas reconheço o lugar onde me encontro, reconheço está do outro lado dessa corda, não me perceber desta maneira, seria no mínimo, para mim, uma hipocrisia.

“Não vejo isso como racismo, vejo como o que já disse outras vezes: Os clássicos Disney" não são clássicos" à toa. Não dá pra mudar características de um clássico e esperar que todo mundo goste”.

⁴O único problema é sabemos que há inúmeras histórias onde a personagem é preta e no filme é colocado para interpretá-lo, um branco, de acordo com o site Clickideia:

“Em “Doutor Estranho”, por sua vez, o Ancião (nos quadrinhos mostrado como um homem tibetano de muita idade) foi interpretado por uma atriz britânica – não pela escassez de atores asiáticos, mas pela escolha da indústria. Por sua vez, em “Peter Pan”, a atriz Rooney Mara foi escalada para um papel que originalmente seria de uma indígena (a Princesa Tigrinha). Neste mesmo sentido, a comédia romântica “Sob o Mesmo Céu” se passa no Havaí, um estado dos Estados Unidos com mais de 70% de sua população não-branca, mas todo o elenco é branco”.

O site ainda afirmou que não houve em nenhum, comentários maldosos que subjugassem os papéis dos protagonistas e é dessa maneira que se observa o racismo, nas entrelinhas, um negro interpretando papéis brancos é alvo de críticas, mas um branco interpretando papéis não brancos não sofre o mesmo, a matéria do Ciclikidia deixa em evidência que o problema então não é o protagonista, é a cor que ele carrega.

Apesar de controvérsias o que chamou atenção foi o impacto causado às crianças, uma série de vídeos com reações animadas de meninas negras foram postados no Tiktok (uma rede social de compartilhamentos de vídeos curtos) uma das garotas diz encantada: “Ela é negra como eu !”, a outra expressando um tom de surpresa e dúvida : “Ela é negra”. Halle à revista Variety afirmou: “sinto que esse papel era algo maior que eu”.

Perceber a importância com que essas crianças se verem representadas causou, a reação de entender que alguém com as suas mesmas características era protagonista, o brilho no olhar das garotas denota como sentir-se representada facilita a aceitação dela com ela mesma, porque notar-se exaltada ao invés de perceber-se excluída forma na criança uma concepção de que assim como afirma Silva (2010) a beleza da imagens e o protagonismo negro favorecem a construção de uma identidade e de uma autoestima nessas pessoas, ressaltando que esse fator pode desenvolver um orgulho no negro de serem as pessoas que são, assim a representação negra torna-se talvez um ponto mais que essencial para aceitação

⁴ Twitter: @Liv_Nucci. Disponível em: https://twitter.com/Liv_Nucci/status/1568774981303300105. Acesso em: 22 out. 2022.

de quem se é, fazendo com que essas garotas compreendam que toda a forma de invisibilidade, preconceito ou rejeição que sofrem não se trata delas mas de uma sociedade que apoia, defende e perpassa esses valores que machucam e denigrem sua identidade comouma mulher de cor..

Obscurecem essa identidade quando o padrão de beleza apresentado na mídia é sempre de uma mulher branca, dos olhos claros e magra, a mancham quando quem não se enquadra nesse perfil está automaticamente excluído deste processo e sendo a mulher negra fora dessa representação de beleza, carisma, delicadeza essa será sempre reconhecida no lugar onde a sociedade definiu para elas, um lugar totalmente subalternizado e sexualizado:

“Quando eu passo, fala assim: por exemplo, eita preta da cor do pecado ou morena da cor do pecado, ou fogosa na cama que tem a bunda grande, corpo grande, tem isso, já aconteceu e é estranho porque parece que o corpo da gente é uma coisa imensa de grande, totalmente deformado” (ENTREVISTADA CAROLINA)

Esse sentimento de um tipo de estrutura corporal imaginária e criativa foi percebido em todas as entrevistadas e em Biana mais ainda:

“Eu passo por isso o tempo todo até porque eu ofereço serviços como eu já falei e o que alimenta justamente esse serviço que eu proponho que é um que enfim que a prostituição, é justamente essa visão exótica que eles tem da mulher negra e o interessante é porque eles, eles deixa isso claro, eles dizem nossa eu gostei de você porque você é morena entendeu, o meu tom de negritude não é mais forte né então pra eles eu sou morena, pra eles eu sou mulata eu não sou negra, pra eles a negra é a do nariz largo, aquela azulada da Palma amarela, o preto também é assim né, então eles tendem a me chamar de morena e existe isso, essa questão da hipersexualização porque eles acham interessante a gente, eles tem essa visão de que a gente aguenta literalmente, a gente aguenta o batedão, podendo falar nesse nesse vocabulário né, que é a pressão, é a força e a violência parece que a gente nasceu, a pessoa preta, mulher preta nasceu forte, aguenta tudo”

Biana ao falar sobre a sexualização da mulher negra, explicou que isso é o que permeia em sua cabeça sobre o que é ser uma mulher negra sexualizada. É importante a ressalva de que houve uma diferença sutil mas visível em algumas questões tratadas em relação a Biana e as outras entrevistadas, por ser uma mulher negra travesti, Biana, trouxe falas com um impacto maior em relação a sexualização do corpo da mulher negra e do seu próprio corpo, abrindo um espaço próprio ela relata o que é ser uma travesti negra no Brasil:

“o meu discurso é que um corpo travestir um corpo transexual ele é visto de uma maneira totalmente diferente dos outros corpos entendeu porque pra eles é a união do binário é um corpo que tem algo a mais né e eu acho que isso pode ser subtendido preciso nem falar, então eles literalmente tende a não verem a questão humana em corpos transexuais negros porque tem toda a questão da que é negra, que ela é forte que ela aguenta e ainda tem um discurso de que ela é uma Vênus na terra, que ela é uma mulher para sexo, ela é uma fantasia real, pomposa, palpável, que você não só pode sonhar com ela mas você pode tocar e você pode comprá-la mas a partir do momento que ele, ele construiu tudo isso ele também fez isso real acabando com que as mulheres transexuais e negras não tenha outros acessos na sociedade a não ser esse papel social que é ser essa mulher super sexualizada e que vive pra suprir esse desejo dos homens, vivemos num país onde se mata mais transexuais e é um país onde mais de 50% da população é negra e a maioria desses negros são transexuais e é o país que mais consome pornografia transexual no mundo então a gente fica pensando: o que nós somos? eles nos matam tanto, mas eles também nos consomem tanto e aí fica esse questionamento de o que nós somos e aí eu respondo com toda sinceridade que nós somos produto, a gente se fez produto, a construção do corpo feminino transexual também é fruto desse produto que dizem o que é mulher, o que a mulher tem que ser, que a gente tem que se adequar a esse modelo se a gente não se adequar a gente não sobrevive na sociedade brasileira então é uma luta ser mulher preta no Brasil e ser preta e transexual é maior ainda”

O discurso de Biana não foi só forte mas também representativo, ela aproveitou do momento para contar a sua história representando a de tantas outras mulheres negras travestis, Biana revitaliza o que já foi trabalhado no primeiro capítulo deste artigo quando se fala sobre “por que as matam se são elas que eles consomem” a diferença é que ela em seu pleno conhecimento do que é estar do outro lado desse enredo responde “nós somos produtos, nós se fazemos produto, por que há uma construção social que permeia o que é ser mulher”, Biana sinaliza em suas falas simples o que todo esse trabalho por fim, deseja discutir: o olhar do outro, a perspectiva daquele que sofre com a agressão, não do que agride, o olhar doloroso e realista do que essas meninas passam para que assim se crie empatia pela a parte daquele que ler, mas não sofre, para que assim como eu, outras mulheres brancas percebam o tamanho do privilégio que as cercam, a diferença de Biana nesta pesquisa fez-se não só em experiências vividas, mas em aprendizado adquirido dela e compartilhado ao próximo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo compreender e analisar a hipersexualização da mulher negra através das narrativas de mulheres negras do município de Araguaína (TO), foram entrevistadas seis meninas do curso de história com a finalidade de compreender o ato da sexualização da mulher negra na sociedade brasileira no dias atuais, partindo dos seus próprios pontos de vista e compreensão sobre o tema pesquisado.

Foi então através da metodologia da história oral, que me foi possível destacar e visibilizar experiências, insatisfações e reações a atos de violências sofridos, foi por meio de suas próprias histórias que conseguir analisar então como a construção social sexista afeta suas vidas no âmbito pessoal e interpessoal, compreendendo e observando como esse fator acaba por prejudicar a visibilidade positiva em sociedade e a relação dessas mulheres com suas identidades culturais.

Além disso, facilitou também o apontamento de vivências passadas por essas meninas que me permitiram aprofundar no tema e chegar o mais perto possível do que elas passam diariamente, mais carregando comigo o entendimento de que, nunca conseguirei compreender a dor que senti exalando de seus olhos e de suas falas enquanto respondiam meus questionamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Memórias. Entrevista com Alessandro Portelli realizada por Paulo Roberto de Almeida, Universidade Federal de Uberlândia, MG, e Yara Aun Khoury, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP. In: **Revista História e Perspectivas**. Uberlândia (25 e 26) 2001, 2002.

HOOKS, bell; E eu não sou mulher. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

CARNEIRO, Carolina Zolin; RUSSO, Maria José de Oliveira. A Criança Negra e a Representatividade Racial na Escola. Cadernos de Educação, v.19.n.38, jan.-jun.2020.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. A solidão da mulher negra – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. São Paulo: Editora da Universidade PUC-SP, 2008.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TEIXEIRA, Filomena; Hipersexualização, Gênero e Mídia. Interacções, NO. 39, PP. 1-9 (2015). Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes>.

FANON, Frantz; Pele Negra, Máscaras Brancas. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**.- 12ª edição brasileira, 13ª edição em língua portuguesa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

TELES, Lanna Moura Sá; ADI, Ashjan Sadique. Hipersexualização das Mulheres Negras: aspectos sócio-históricos e a influência da mídia. 29p. Faculdade São Francisco de Barreiras. Artigo publicado originalmente no X Copene. Brasília, Junho de 2008. Disponível em: https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1531096059_ARQUIVO_TextoCOPENE2018.pdf (acesso em 21/10/2022).

ALMEIDA, S. Racismo estrutural. [Structural Racism]. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.

NASCIMENTO, Renata Melo Barbosa. **REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS: LITERATURA DE JORGE AMADO NAS LENTES DO CINEMA (1935-1969)**. Brasília, 2018. Disponível em: https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1531096059_ARQUIVO_TextoCOPENE2018.pdf